



Quinzenario Humorístico e Literário

DIRECTOR—A. Fernandes

ADMINISTRADOR,

Alberto F. Pimenta Machado

EDITOR,

Marcelino Fernandes

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de Camões, 55 & Typ. Minerva Vimaranesense

COMPOSTO E IMPRESSO NA

I ANO Guimarães, 1 de Outubro de 1916 NUMERO I

Nada de sustos



A's ar...ar...ar...mas!!! Talvez que o leitor, a quem temos o prazer e satisfação de cumprimentar pela primeira vez, ao ouvir este brado forte e belico, demorado e destemido, estremeça com susto e medo; talvez que o seu coração sensível deixe de funcionar por alguns minutos ou trabalhe precipitadamente; talvez que as suas pernas verguem, arcadissimas, tremendo, como que se de ha muito tempo suportassem um pezo volumoso, grande e desconforme.

—A's ar...ar...ar...mas!!! Não é o grito de uma sentinela exposta e vigilante, activa e cuidadosa, que, quando ao longe pressente o inimigo, exclama este brado, chamando pelo seu regimento, como actualmente está acontecendo nos campos sangren-

tos da batalha, mas sim a voz da **Sentinela** que V. Ex.^a tem em suas mãos, para ler: ou em sua casa, aos serões, com a sua illustrissima familia á volta, não faltando as criadas a fiar estopa nas respectivas rocas, ou ao caminhar vagarosamente pelas ruas, enfim, para ler onde muito bem quizer e lhe apetecer; é o modesto quinzenario humoristico que, ao entrar em sua casa, o cumprimenta carinhosa e respeitosa-mente e sua Ex.^{ma} Familia.

E', pois, a **Sentinela** ironica e educada (já comprou no Lemos, á Porta da Vila, o tal livrinho de 5 centavos) que vem distrair V. Ex.^a das agruras da vida, de todos os desgostos e tristezas, contrariedades e indisposições — sorrindo, sorrindo, sempre,—e não uma sentinela carancuda, de farta bigodeira e capacete enterrado na cabeça, armada e equipada até aos dentes, como esses *boches* amaldiçoados para sempre por toda a humanidade.

Portanto, leitor amigo, de quinze em quinze dias, aos domingos, manhã cedo, ao romper de alva, a **Sentinela** meiga e sorri-

dente, ironica e galhofeira, bradará:

—A's ar...ar...ar...mas!!!

E, despertado por esta voz, abrindo os olhos, estremunhado, ainda sob os cobertores, V. Ex.^a responderá, ancioso:

—Alerta estou!!!

E, assim, de todas as vezes, uma campainha far-se ha ouvir e, logo, a Roza—uma fresca e alegre cachopa, sua criada,—aproximar-se ha, perguntando:

—Deseja alguma coisa? V. Ex.^a chamou?

—Va lá baixo, depressa, buscar a **Sentinela**, mas corra... corra...

A Redacção.

EXPEDIENTE

A todas as pessoas a quem enviamos o nosso jornal e não nos queiram honrar com a sua assinatura, pedimos se dignem devolve-lo, logo que o recebam.

A Redacção.

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Concerta-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães

Desmazello

CHAMAMOS a attenção da digna Meza da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, se isso fôr de sua competencia, para que, sem perda de tempo, mande reparar as imagens que se veem nos *Passos* existentes naquelle encantador e formosissimo local, pois assim como estão é simplesmente vergonhoso, caricato e denota a mais absoluta falta de zelo.

Isso é que denota.

No primeiro *Passo* lá está, por exemplo, uma Nossa Senhora a quem cahiu a mão direita e a qual collocaram sobre o hombro esquerdo da mesma imagem!!

Parece peta mas é verdade; palavra d'honra.

Lá estava e lá vimos, por occasião da ultima Perigrinação, aquella falta de cuidado, que pode ser traduzida por menos respeito pelas coisas santas.

Lá estava e com certeza lá deve estar ainda.

Ora, muito francamente, muito a serio mesmo, se não há dinheiro para a compra de novas imagens ou para mandar restaurar aquellas, era melhor não as terem naquelle estado á devoção publica.

Convinha mais, por tudo e por tudo, ordenarem ao Joaquim, sachristão, para que fechasse as portas e dissesse aos devotos e demais devotantes: os santinhos não estão, sahiram...

Todos perceberiam ser uma tremenda *bucha*, mas seria uma *bucha* desculpavel, creiam.

Agora que a estrada á Penha pela Costa é já uma pura realidade; agora que a *Cintra do Minho* vae começar a ser concorridissima, verem-se os *Passos* naquelle tristissimo abandono é verdadeiramente censuravel e merece o nosso mais solemne protesto.

Chega, até, a ser falta de gra-

tidão e respeito pela memoria d'aquelles, que, ha quarenta e tantos annos, cheios de patriotismo com tanto amor, e sabe Deus com quantos sacrificios, mandaram construir aquellas capellinhas!

Esperamos, pois, que os snrs. mezarios, entre elles os snrs. Domingos Marques e Lopes Martins, grandes entusiastas pelo engrandecimento da nossa formosa Penha, deem as suas ordens e tomem as providencias que o caso requer. Senão... voltaremos a martellar no assumpto.

Isso é que martellamos.

E' verdade, já nos ia a escapar, por fallarmos em melhoramentos: O que é feito do celebre leão?!...

(O snr. Marques coçando a cabeça e algo atrapalhado:)

—O leão... o leão... o leão como não ia feito com cimento armado, arrebitou o rabo, alçou a perna e poz-se nos butes para o deserto...

—Ha de ser isso, snr. Marques...

(O snr. Lopes Martins a rir-se:)

—Aguenta, Domingos!... Apanha esse pião á unha!... Eu bem te digo, mas tu não queres crêr!... Agora... toma!

Vamos fallar com o encarnador Constantino a ver por quanto faz aquelles restauros. Vamos, vamos senão temo-los outra vez a berrar e eu não gosto de berreiros... A *Sentinella* está alerta...

(Uma voz ao longe:)

—Alerta está!...

Mas, ainda mais um pouco de conversa, já que estamos com as mãos na massa. Permittam-nos vossas excellencias, que tratemos d'um outro assumpto ainda mais importante.

Vossas excellencias querem saber qual é a pergunta que muitos visitantes de cá e de fora nos teem feito repetidas vezes?

Querem ou não?

Querem, querem; vossas excellencias teem curiosidade.

Ahi vae:

Não nos perguntam pelo elevador, nem pela igreja e muito menos pelo leão...

Perguntam nos simplesmente:

Porque é que não arborisam a Penha?! E' por ventura muito despendioso?

Se lhes ponderamos que ha falta d'agua, dizem nos que é justamente por isso, isto é, por falta de arvoredo que ha grande secura; e que em todo o caso isso não obsta a que se não façam esforços por plantar arvores em grande, em enorme quantidade, mesmo com o risco de que algumas se percam.

Ouviram?

Este é o primeiro melhoramento da Penha, os outros viriam depois, como seja: o leão, o leopardo e outra bicharada.

Plantem, pois, arvores, muitas arvores que terão uma terra inteira a applaudir-los. E dito isto, só nos resta pedir desculpa aos dignos mezarios e activos membros da commissão de melhoramentos se com este conselho os offendemos.

Mas o nosso fim não é offender; é tão somente contribuir para o engrandecimento da nossa Penha, a mais linda montanha do Minho e uma das mais formosas de Portugal.

Fallamos bem?

—Oh! Optimamente!

—Muito obrigados a voccias.

Da minha quinzena...

—VIVA! Como está?

—Bem. Como passou?

E deram-se as mãos amigavelmente. Acendendo um charuto, o Elias—senhor pançudo e palrador—inquiriu do seu amigo Fatias—sujeito monotonico e neurastenico, magro, alto, cabeleira comprida, fato escovado,—e que caminhava vagarosamente, batendo, de quando em vez com a bengala de castão branco imitando prata, nas pedras da rua,—o passeio a seguir:

—Poderei acompanhá-lo?

—Pois não ..
 —Então, este ano, não foi á praia, ao campo?
 —Não.
 —Admira-me vê-lo na cidade que sempre detestou e aborreceu, principalmente nesta quadra!
 —E' verdade, meu caro amigo.
 E a bengala ia batendo nas pedras da rua e o fumo do charuto espalhando-se, em espiraes, pelo ar.
 Era uma quinta-feira, á noite, uma destas noites agradaveis, de luar.
 Conforme iam andando o Elias parlava:
 —A vida não decorre nada bem, tudo caro, uma careza...
 —Sim.
 —A época que atravessamos é insuportavel...
 —E'.
 —Horriavel...
 —E'.
 —Medonha...
 —E'.
 —A vida é um cáos... um roubo...
 —E'.
 —Uma falperra. O meu amigo não está mal, tem mais juizo...
 —Tenho.
 —Não é casado.
 —Não.
 —E' só.
 —Sou.
 —Vive isolado.
 —Sim.
 —E' feliz.
 —Hum... hum! murmurou entre dentes.
 —Em minha casa ha um reboliço...
 —Sim?
 —Tenho mulher, cunhadas e cinco filhos pequenos. Todas as manhãs ha o inferno... uma gritaria! Imagine que o berreiro é tanto, que me levanto da cama, e fujo para o quintal, ou vou para os campos.
 E, voltando-se para o Fatias, num repente, exclama:
 —Sabe a causa, o porquê?
 —Não.
 —Devido á careza do assucar. Como está carissimo resolvi não o comprar, enquanto o preço se conservar como até aqui. Acontece que, lá em casa, com a sua falta, as cunhadas barafustam, praguejam, porque «o leite não se pode tomar, o café é amargo, o chá é agua colorida». Por sua vez, as creanças queixam-se, tambem (e elas que estavam habituadas ao doce, ao mel!), berram infernalmente, partem as chavenas todas, e choram as diabolicas! Um inferno! sim, um inferno meu caro amigo!
 Está provado e demonstrado, pois, que nem só do pão vive o homem.
 Após alguns passos, sentaram-se num banco do jardim. O charuto já não fumega, e a bengala do Fatias vai descrevendo arcos e traços, apressadamente, na terra. A musica está no intervalo. A concorrência, no jardim, é pequena:

apenas alguns cavalheiros, razoavelmente vestidos, passeiam, e algumas damazinhas conversam. Então, o Elias, voltando-se para o seu companheiro, interroga-o:

—Que me conta, afinal?
 —Nada.
 —Bem. Isto assim não tem geito. Falemos, diga alguma coisa. Homem! exclama ele, voltando-se para o amigo que continuava descrevendo arcos na terra, de cabeça inclinada para baixo, você não denota nada aqui, nenhuma falta?
 —Não, respondeu-lhe secamente Fatias.
 —Mas, então? que é feito da nossa gente? do nosso povo? que é feito das nossas damazinhas sorridentes?
 —Eu sei lá!
 —Que é feito desses *dandys* apalermados, de monoculos e fatos de presilhas?
 —Eu sei cá!
 —Que é feito, enfim, da nossa ilustre sociedade? para onde está que a não vejo? Amigo: você não me informará?
 —Não.
 —Pois isto assim é um deserto! Pode-se lá viver! Agora ha duas carestias: a dos generos e a do povo. Que chatices!!

A banda regimental principiara ha minutos a executar uma valsa. O movimento desaperebido.

—E que me diz você, amigo, desta musica?

—Nada.
 —Mas não tem reparado que o programa é sempre o mesmo, pouco varia? Peças batidissimas, conhecidissimas! Valha-te um canudo Soares e mais Ventura! Eu sei as peças de cor e salteado. E mais não sou musico!

—Nem eu.
 Batem 11 horas na sombria e pesada torre da Colegiada. Ninguém no jardim. O garotio entretém-se fazendo poeira. Um policia passa e dirige-se para um taseco. Tudo ás moscas.

—Bem, bem, vou-me embora, disse Elias. Vou-me retirar. Não ha distrações. Vou-me até casa. Fica ainda?

—Sim, fico, estou a acabar isto.

E o Fatias, continuou a riscar na terra, com a bengala que movia-se agitadissima. Passados minutos, resmungava ele, gesticulando: — Que é das damas? Eu sei lá! Que é dos pégos? Eu sei cá! Que é do povo? eu não preciso do povo, sim, eu — sou só!...

ZÉ NINGUEM.

Restaurante Aliança

Abre por toda esta semana

A fio de espada

Desabafo preambular

Nós sômos uma santa creatura do Senhor que olhando a vida por um prisma essencialmente original, temos a delicia de viver ao sabor agradável das impressões e dos imprevistos.

E' claro que ha impressões que chocam, que enervam, que desvairam; é certo que ha imprevistos que estarrecem, que fulminam, que matam.

Ha disso, sem duvida.

Mas a grande habilidade, é procurar impressões que divirtam, que façam rebentar as calças e molhar as ceroulas, é esbarrear com imprevistos que produzem sensações de espasmo e extasis de admiração.

A habilidade é procurar as boas e fugir das más.

E tudo o que fôr bom tem de nós a grata deferencia d'um bom acolhimento.

Mau! lá estamos nós com coisas.

Se tentarmos dar ingresso no emmaranhado das conclusões e dar explicação minuciosa dos pontos mais dubios, mettemos os pés pelas mãos e as mãos pelos pés, e adeus, acontece-nos como a muitos meninos taxados de valorosos e com uma superficial e leve camada de verniz de civilidade caseira, quando tentam a gesto largo e esgançamento de voz, dar cabais provas dos seus bastos conhecimentos e mostrar quão preciosos são os seus requintados dotes de fino espirito.

Não nos queremos confundir, por que os taes lindinhos, quando assim acontece, ficam tão atropalhados, que mãos e pés andam pelo chão n'um espernear tolo, fazendo muitas vezes lembrar certo animal teimoso.

Livra!

Pois é assim mesmo; a vida encaramol-a a rir, porque graças a este pequenino mas divertido meio em que vivemos, tudo nos faz rir.

Camisas e gravatas — Casa Elegante
 Antiga Chapelaria Martins

E rimos muitas vezes com vontade, porque francamente, n'esta tragedia da vida, os papeis mais rabulas mas de effeito picaresco, vão quasi sempre cahir ás mãos de creaturas verdadeiramente apropriadas.

E no seu enthusiasmo louco, no seu furor moço, querendo distinguir-se para elevar-se, derrem-se em quindins, bombaleam-se como gregorios premidos entre talas e não são mais do que uns *balancins de etiqueta*, uns palhaços de effeito.

Ora o que nós queríamos, era engatar em cordel todos esses figurões e algumas *figuronas* de solertes manejos e descaro maximo, que nos despertam o espirito e amaciam os nervos, fazer d'elles robertos graciosos, apresental-os em cacifo proprio, e jogando-os, fazer rir Guimarães inteiro.

Nós queríamos, mas...

E depois, a fio de espada, cortar-lhes cerce o favo prenhe da vaidade, o balôfo do valimento, e espedaçar a mascara do cinismo e os postigos convencionaes, para que depois, sem essa encadernação gaiteira e rebicada, todos podessem avaliar o que são e o que valem esses desgraçados bôbos.

Nós queríamos, mas... para a fio de espada se endireitar este mundo, que é uma bola, seria necessario enfiar todos os bolas que n'elle se rebolam e deital-os á vala commum.

Se valer a pena voltamos breve ao assumpto.

Or'àton inté ôspois

B.

Aos nossos colaboradores

Por conveniencia do serviço redactorial, rogamos a todos os nossos estimados colaboradores o especial favor de nos enviarem as suas produções, pelo menos 5 dias antes d'aquelle em que "*A Sentinela*," tiver de sair.

CA Redacção.

Misterioso desaparecimento

AINDA deve estar na lembrança de V. Ex.^{as}, o extranho facto da devolução ao «Louvre» da preciosa Gioconda do riso enigmatico, roubada secretamente ha tantos anos.

Pois bem; identico caso, succedeu agora, não o da devolução, mas o do roubo d'uma esplendida tela que o pincel d'um dos mais habéis artistas contemporaneos pintou, sobre o têmea magnifico d'uma linda serra d'este Portugal adorado.

Tinha-o impressionado (a ele artista) a beleza agreste, a natureza pura, d'imensos blocos de pedra que pareciam suspensos na amplidão celeste, tal a forma bizarra e caprichosa como assentavam dispostos ao acaso e toscamente, nas alturas d'um pitoresco monte onde se divisam panoramas de raros encantos, belos, fascinadores!...

Sensibilizado, impressionado por essa fortaleza de gigantes onde parece dormirem socegadamente os heroes de todas as lendas, ele acampa, cerra a vista em inegalavel gôzo, e numa tela que á sua frente tem, vai-a reproduzindo fielmente, artisticamente e contempla depois, cheio de gloria, o quadro que seria o assombro do mundo civilizado, o seu tezoiro, a sua corôa de loiros.

Eu tive, presados leitores, occasião de o apreciar, de o devorar quasi, com a minha vista faminta, porque ele foi exposto no seu atelier, que se o não é de quadros precizamente, é-o de... guarda-soes — e não sei como não cahiu com um ataque de... estupidez que me levasse aos anjinhos.

Satisfiz assim a curiosidade, bem fundada aliaz, do publico, antes que ele fosse adquirido pelo museu do Louvre, pois estava já meio apalavrado, como qualquer jumento de feira.

Referiram-se a ele todos os

jornaes e revistas de grande circulação e, quando se dispunha a fazer a viagem até ao paiz do *front*, desaparece subitamente, misteriosamente, e a nossa Penha já não pôde ser admirada na França culta e nem o artista vêr erguer olímpicamente o seu busto de barro na «Galeria dos Homens Celebres».

Na impossibilidade de aparecer tão famoso quadro, eu proponho que choremos os três: o pintor, eu e um jornalista que com tanto entusiasmo a ele se referiu quando da exposição.

Valeu?

Os leitores podem fazer côro, mas com harmonia.

JOANES D'ANJOS.

De camarote...

TEM por fim esta secção chamar a attenção de quem competir sobre diversas questões, que em doses, para não mexer muito com as *tropas*, se farão aqui correr, como que em fita de cinema...

Começaremos por nos referirmos ao garotio atrevido e malcreado que inunda esta cidade e que constitue uma verdadeira vergonha para esta terra pacata e nobre, que porisso mesmo precisa de dar a quem a visite, um aspecto de respeito e de educação e nunca de indecencia e vagabundagem.

Todos sabem que se está a tornar insupportavel a falta de educação que se nota nesses petizes de pé descalço, meio vagabundos, que em gritos estridulos, de permeio com palavras e gestos obscenos, se intromettem com quem passa socegado e entretido com a sua vida.

Protestar perante os paes é uma tolice, porque succede muitas vezes serem elles os primeiros a defender as tratantadas dos

Relógio da Basilica

Foi talvez ha um anno, ou pouco mais, que no fallecido *Melro*, lemos um artigo todo encomiástico a proposito d'uma subscrição para a compra d'um relógio com três mostradores, o qual seria collocado na torre da igreja de S. Pedro, ali ao Tournal.

Depois nunca mais ouvimos uma só palavra sobre tal assumpto.

Teria sido posta de parte aquella ideia ou dar-se-ha o caso de ter arrefecido o enthusiasmo ao iniciador d'aquelle util melhoramento?!

Isso agora!...

O que, porém podemos affirmar: é que, até hoje, o relógio ainda não foi collocado no sitio, apesar da lembrança ter sido geralmente bem acolhida e ser mais ou menos rasoavel o numero de cavalheiros, que da melhor vontade se promptificavam a contribuir para tão justo fim.

Mas, então, que diabo ha?!...

Não podemos responder; todavia, alguém nos segreda que já se tratou do orçamento.

Quem deve saber alguma coisa a tal respeito é o nosso estimado conterraneo snr. P.º Antonio Monteiro, juiz da irmandade do Santo claviculario.

Nesse caso tem a palavra o snr. padre Monteiro.

Não falla?!... Não diz nada?!...

E' isto!... Muito enthusiasmo, muita treta, muita força de *zimborios*, mas a respeito de relógio—três vezes nove=vinte e sete.

Continua mudo?!... Nós já o arranjamós.

O' menino, prega-lhe com duas cantiguinhas das tuas!

—Então com licença de vossa senhoria:

Anda o povo embasbacado,
Anda o povo constringido,
Pois que o caso do relógio
Foi um caso bem fingido!

Passa horas e mais horas
De cabeça para o ar...
Para ver se o tal relógio
Principia a trabalhar...

—Minha mãe: eu quero ver
Um relógio prazenteiro,
Com três faces... prometido...
P'lo senhor padre Monteiro.

—Cala-te, filho, socega,
Que o relógio has de ver,
Em S. Pedro, quando El-rei
D. Sebastião vier...

Zimborios, altos zimborios
Naquela torre querida:
O relógio de três faces
Fita foi bem impingida!

Zimborios, altos zimborios
Com relógio prazenteiro:
Promessas e mais promessas
Do senhor padre Monteiro!

Diz cá o nosso visinho:

Que a Sociedade Protectora
precisa da protecção dos protegidos.

—Que vão ser estofados os bancos do Jardim do Carmo.

—Que a gerica do Vicente foi adquirida pela remonta.

—Que o gabinete nocturno da Sociedade Martins Sarmiento só se acha aberto de dia.

—Que as obras da Biblioteca da mesma, vão ser transferidas para o museu de antiguidades.

—Que, com respeito a horas, Quartel General em Abrantes, fica tudo como dantes.

—Que o do "*Tango*", montou um canil na cidade do Porto.

—Que o mesmo, para fazer a sua propaganda, deixou nesta cidade alguns cachorros.

—Que a respeito de União Sagrada... nem nada.

—Que a preguiça interrompe, por hoje, esta secção.

filhos, insultando quem lhes vae pedir um castigo sómente.

Mas a verdade é que são elles—os paes—os unicos culpados, porque ligam mais importancia á vida dissolvente das tabernas e do vinho, do que á educação rigorosa dos filhos, creados como são ao Deus dará...

Porisso se nota um desregramento de linguagem e de vicios em petizes que ainda hontem nasceram, se póde dizer, e que já sabem e dizem coisas que aos adultos nem sequer lembram...

No entanto cá d'este cantinho do meu camarote, com o binoculo assestado na plateia d'esta cidade, eu ousou pedir á senhora auctoridade um pouco de castigo e de justiça para essa garotada ociosa, a quem os paes não mettem numa officina ou numa escola.

Já que os paes descuram estas coisas, faça a senhora auctoridade um pouco de sacrificio.

Prendam-se quando fôr necessario, esses meliantes, levem-se á policia, e lá, com um bello estadulho por aquelle lombo abaixo, ou com uma forte palmatoria por aquellas mãos, toca a malhar, a malhar até pedirem misericordia.

Por bons modos nada se consegue, e porisso eu aconselho estadulho e palmatoria. E' preciso que se tenha respeito a alguém, quando não d'aqui a pouco está a cidade á mercê d'elles.

Se até já ha alguns que batem nos paes!

UM ESPECTADOR.

AVISO

Não se restituem os originaes, quer sejam ou não publicados.

*

Não serão aceites os artigos que, embora justos, visem *particularmente* alguém, bem como ataques politicos e religiosos.

*

Respeita-se a ortografia do autor.

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS

◆ ◆ ◆ EM FOCO ◆ ◆ ◆



QUE mais linda flôr se podia colher no canteiro d'este pittoresco e alegre jardim do Minho, para, n'esta jarra de sympathias e encantos, ser hoje posta á veneraçã d'aquelles que, sentindo a alma voar nas azas chimericas do amor, possam aspirar a frescura do seu perfume inebriante?

Por certo que Maria das Dôres possui todos os dotes naturaes de radiante formosura, para ser collocada como Rainha entre as flôres, que petala por petala aqui se irão desfolhando.

Ela encerra em si a belleza immaterial das Virgens do Murillo, a graça estonteante das princessas do Libano e a divina poesia das madônas italianas.

A luz matutina d'um ridente dia de primavera, perfumado pelo casto aroma da campina em flôr, não deve ferir-nos tanto o sentido, como um meigo sorriso de seus pequeninos labios de carmim, por entre os quaes se divisa a alvura de seus dentes, brilhantes como pedras preciosas.

Gentil e afavel como a mansa rôla do bosque ameno, ou a raga abandonada do nordeste, que silenciosamente vem beijar a areia prateada.

O seu olhar tão expressivo, envolto em caricias de amor parece vir minorar o sofrimento dos que, levados nas ondas revoltas da illusã, tem ainda a suprema ventura de a contemplar.

Ainda muito jovem sim, mas já dotada d'uma culta vivacidade de espirito aliada a uma fina e esmeradissima educaçã.

Eis, pois, desfolhada petala por petala, esta viciosa flôr colhida no Jardim dos encantos, por entre o odorifero perfume, exalado qual balsamo suave das inhospitas regiões do Idealismo.

SEGREDO.

QUEM João?

—?!...

—Com que entã, seu grande magauão, cá pela nossa redacçã?

Pois quem devia abrir esta secçã senão tu, que és alegre, jovial e prazenteiro que nem o negro Melro dõ nosso Guerra Junqueiro?!

Lembras-te de, quando pequenos, correremos á barra e á batalha, lançar mos o pião e mesmo jogarmos a malha e, ao tocar da Garrida, acabarmos a corrida e irmos para a aula com a liçã mal sabida, trauzidos de papôr pelos bôlos merecidos que nos dava o professor, que, coitado, lá vai cumprindo a santa missã de ensinar, ensinar sempre, cada ano uma nova geraçã?

Depois... depois, acabado o tempo de menino, cada um lá seguiu o seu destino...

Hoje, nas horas de ócio, tu dedicas-te com alma á arte difficil de Talma e, com esse olhar carancudo e esse ventre bojudo, fazes lembrar o Chabi a quem olhar para ti.

Parece-me ainda estar a ouvir-te bradar com voz de trovão de atordoar meio mundo:

—Larga o ferro por mão... Volta!

...Ora até que dei fundo...

PIR AMBULA.

Ridendo corrigo mores

PORQUE, calcule o amigo, e isto não vai a escamar, que era grande *aiuntamiento* com p'riço de desabar?! Com certeza cairia cá p'ra baixo, p'ra cidade e tudo soterraria com pasmo de raridade?... Logo, *alguem* mais previdente atendendo a isto tudo, não deixou que toda a gente sofresse inorme canudo; mesmo porque os *jasuitas* (isto Você não sabia!) são habeis a fazer fitas e tinham fé na razia que contavam em fazer lá da Penha cá p'ra baixo quando nos vissem a arder bem cheiinhos como um cacho. E bem pode acreditar —Seguro morreu de velho— por se não acautelar quebrou o diabo um chavelho!

*

—De que lhe serve o teimar se estamos fartos de vêr que ferro, ferras, ferrare, p'ra quem latim perceber, tem de ser sempre ferrar?!... —Mas a questã não é essa; eu só teimo que quem ferra com certeza é ferrador!... —E eu deito-lhe por terra a treta de redactor sendo por si ignorado que quem ferra a toda a hora nunca fôra ferrador mas sim, p'ra todos, danádo!

*

* *

Tricaninhas de Coimbra não namoreis o 'studante que lhe roubaís o talento; se ainda o não conheceis vinde vê-lo num instante ao escritorio do Bento.

ADOLFO FOSCÔA.

EM NOITES DE TURQUEZAS E AMETHYSTAS

(Ao João de Freitas)

GUITARRAS amigas! Descançae, terminae vosso soluço d'Amor! Amores desgraçados! lançae vossas preces ao mar sacratissimo do Infinito ingente!

A Ecila do meu sentir inglorio, Dolores torturada do meu espirito, já não vibra em allucinações apaixonadas, já não existe para mim.

O Amor d'ella evaporou-se como ether no ether ingente dos Espaços, diluiu se como a Esperança dos que agora já nada esperam.

Tangei pois, guitarras doentes, a nostalgia do Sentimento extinto, a Desgraça amarga dos que não podem crer.

Em noites lindas, de lucilações vivas de astros, de espelhos finos de luar sagrado, derramae com a plangencia cruel do vosso som, a vossa voz tão triste, pelo Silecio do Cahos, as lagrymas que tenho chorado, as dores que tenho passado, os soluços que os meus labios impuros teem reprimido!

Perguntae a Deus, subindo leões em espiraes trementes, porque crearia Elle a Dor se envenena muito, porque lançaria á Vida o Amor de Mulher se engana tanto!

Pedi, na magia exangue da vossa vibração divina, um Sentimento para cada coração, um leitativo para cada Torturado, uma Luz para toda a Treva, uma Illusão e uma Fé para todo o peito humano!

Guitarras do Sonho! deixae voar vossas endeixas! lançae um pouco de Sentimento na frieza sinistra da immensidade erma: vibrae, vibrae de Saudade!

Já o luar desceu á terra, saturando-o d'Amor, e porque não haveis vós de subir ao Ceu, enchendo-o de Hymnos, de Som, de Rythmo?

A tristeza que soffre quem vive desilludido é tal, que o coração vae enregelando, vae morrendo lentamente.

Não me deixeis vós morrer, oh guitarras sacratissimas, não me deixeis ser triste!

Se a Dor é o Outomno da existencia, porque não me daes a Primavera do Amor?

1916.

P.

E' verdade, sim senhor!...

— Adeus ó tu, como estás tu?

— Eu, assim assim... quando mal nunca maleitas.

— Então que é feito de ti que já ha perto d'um mez te não pohnho o olho em cima? Por onde tens andado?

— A matar o tempo lá pela aldeia. Dou-me tão bem por aquelles logares, como se estivesse n'um paraíso conquistado.

— Que vieste então fazer hoje até cá baixo ao povoado? Distrahir um pouco, não?

— Nada d'isso. Como precisasse adquirir uma *farpella*, resolvi-me a vir por ahí abaixo como quem não vem a nada e entrar na antiga **CASA DUARTE**, á rua 31 de Janeiro, onde escolhi uma fazenda toda pindérica, pois segundo consta é a casa que vende em melhores condições e que mais sortido apresenta.

— Lá isso é verdade. Eu tambem desde ha muito que sou lá freguez e estou satisfeitissimo.

— Bom, adeus, não me posso demorar. Olha, apparece por lá um dia.

— Pois sim. Adeus e faz visitas á prima.

— Ah seu maganão!

Ilustres...

Ha tempos (não vae ha muitos dias), queixou-se-nos um nosso amigo da pessima leitura feita pelo reverendissimo padre Saraiva, á missa da uma hora (nós tambem imitamos em missas a *invicta cidade* e a *de marmore e granito!*), em S. Francisco.

Tambem concordamos: a leitura é horrenda, a dicção imperfeitissima causa medo ás crianças e provoca riso aos grandes.

Mas que culpa temos nós? acaso fomos seu professor? Ah! isso é que não, caro amigo!

Sabe com que se parece aquella leitura?

Com a de um qualquer padre destes antigos que mal sabiam cantarolar, ler e escrever, e que conseguiam a corôa (isto depois de D. Miguel que Deus haja) por... trinta mil reis.

Tambem já tivemos como professor de musica (bom tempo o do seminario!) um padre conhecidissimo de todos nós, que, quando dava aula ao curso, perguntava ao aluno:—Então quantos são os *sões* da musica? E nós riamos-nos, a bom rir...

Pudera não! o caso não era para menos.

Mas voltando ao assunto: ainda ha alguns desses padres velhinhos por quem temos o maximo respeito e consideração; mas modernos, como este, é o unico e mais o rev. padre Damião a fazer praticas ácerca dos decotes das senhoras, na Oliveira.

Aí vai cantiguinha, não pode falhar:

— O' senhor padre Saraiva,
Senhor padre Damião:
Não venham ler p'rá igreja
Sem 'studarem a lição!...

Restaurante Aliança

Abre por toda esta semana

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE

Bairrismo...

Anuncio nocturno!

SILVARA a locomotiva.
Estão nove horas a dar.
Ha berreiros pelas ruas:
—Frescas! frescas a saltar!

Anda o povinho no giro,
Pois acabou de ceiar.
E, contudo, ouve-se sempre:
—Da ramalhuda a estalar!

Algum povo, já cançado,
Na cama se vai deitar,
Ao som da grande noticia:
—Olha a sardinha de Ovar!

Dez horas batidas já,
Mas ouve-se ainda bradar:
—Chegaram agora mesmo!
—Quem quer sardinhas comprar?

—Olha a sardinha d'Aveiro!
—Olha a sardinha do mar!
—Olha a sardinha da Póvoa!
—Olha a sardinha a estalar!

Há tanta, tanta sardinha
Depois que vem a noitinha,
Cá na terra, ultimamente,
Que até já me apeteceu
Pegar num canastro meu
E gritar como essa gente:

—Quem compra sardinha fresca!
—Da vivinha e a saltar?!
E, certamente, ouviria
Uma mulher resmungar:
—Ora vá você comê-las,
Pois acabei de ceiar...

OSCAR DINIS.

INQUERITO

RECORDANDO-ME hoje com profunda saudade, um dos momentos talvez mais felizes da minha vida, cheia de espinhos e abrolhos, que passei entre alegrias e encantos d'uma formosa paisagem campes-

tre e longe do hediondo sussurro da cidade, absorto em mil illusões que me elevavam o pensamento aos paramos ignotos do Alem, lembrei-me propor aos amáveis leitores e leitoras de "A Sentinella", um inquerito, pelo qual possa avaliar as diversas opiniões d'aquelles que, como eu venham trilhando a longa e vertiginosa estrada da vida, por onde vagueiam á mercê do acaso as almas sonhadoras.

Pergunto pois: Qual será preferível, — Viver na cidade onde tudo são phantasias, illusões e chimeras jamais desvanecidas, ou na aldeia onde o silencio nos inspira momentos de meditação e a alegria viceja desde que os primeiros raios de luz vem illuminar todas as ridentes bellezas campestres, até que o sol num espreguiçar deleitoso se vae esconder no occaso?

SEGREDO.

Sob o palladio da eterna Phantasia

(Ao Alfredo Felix)

ENTRE Saphiras mil, entre Crystaes te vi, Senhora, em Sonhos certo dia: toda Graça, de formas sensuaes, corpo de Sonho e Alma de magia!

Sonhei que vi teus olhos de tristeza expressar um Amor e um Coração, e ao teu rosto de heraldica pureza, eu vi chegar excessos de Paixão.

Teus labios procuravam-me, inclementes...
Cabellos envolviam-me, frementes...
Braços morriam em Volupia impura...

Mas já o Sonho fenece, o Irreal...
A Luz já vibra, intensa, aureal...
—Sonhei-te uma Perdida e eras Pura!—

1916.

P.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, deixamos de publicar bastante original, pelo que pedimos desculpa aos nossos colaboradores.

Cancioneiro

I

(Quadras para o «Fado do Desanimo de Maria Victoria».)

A João Manuel Barreira:

ENDO triste como a noite
Sem o brilho do luar!
Meu coração desfallece,
Meus olhos poem-se a chorar!

Vivo envolto na tristesa,
Sou mendigo da desgraça!
Tenho por dia a amargura,
Por noite a dôr que perpassa.

Nos meus labios já não brinca
Esses sorrisos d'outr'ora!
Sinto minh'alma cançada
Pois já nada me enamora.

Oh lua que lá no ceu
Tens um brilho aurifulgente,
Quantas vezes tu já foste
Dos meus amor's confidente!

Quantas lagrimas vertidas,
Quantos queixumes d'amor,
Não tens tu presenciado
A' custa da minha dôr!

Guimarães, outubro 1916.

A. F. F.

Doçura... amarga

Vi o Mundo nas horas em que dormo
sob a colcha de estrelas, no seu leito
com lençois de luar o mais perfeito
em candido confronto á noite informo

E estranhei o viver da soledade
que sempre desejei e desejava
nessa hora que minha alma arrebatada
á promessa feliz da Eternidade.

Já julgava acabadas as paixões
de raiva e inveja em torpes multidões
revolvendo da terra os cancos nús,

quando notei que a aurora despontava
fulva de sangue morno que espalhava
sobre nós em clarões razos de luz!

Guimarães, 1916.

R. ESTEVES.